

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



A EXPRESSÃO NO RORSCHACH DOS FENÓMENOS TRANSITIVOS
E DO ESPAÇO POTENCIAL NA PERSONALIDADE BORDERLINE

Marta Filipa Basto de Oliveira Queiroz Godinho

Nº 15625

Tese submetida como requisito para a obtenção do grau de
Mestre em Psicologia
Especialidade em Psicologia Clínica

2008

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

A EXPRESSÃO NO RORSCHACH DOS FENÓMENOS TRANSITIVOS
E DO ESPAÇO POTENCIAL NA PERSONALIDADE BORDERLINE

Marta Filipa Basto de Oliveira Queiroz Godinho

Dissertação orientada pela Professora Doutora Maria Emília Marques

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia

Especialidade em Psicologia Clínica

2008

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Maria Emília Marques, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

Resumo – Pretendemos compreender, à luz do método Rorschach, as características dos fenómenos transitivos e do espaço potencial no sujeito *borderline*. O estudo destes conceitos é desenvolvido tendo por base as teorias de Winnicott e Ogden sobre a psicopatologia dos fenómenos transitivos e do espaço potencial, respectivamente. Reconhecida a importância dos cuidados primários no acesso a estas áreas intermediárias da experiência, procuramos articular o conceito de função materna com os conceitos em estudo. De igual forma, para uma melhor compreensão destes conceitos no caso *borderline*, procuramos relacioná-los com ao conceito de *angústia branca* de Green.

O método Rorschach é perspectivado na sua dimensão intersubjectiva e dinâmica, em que o apelo a um duplo modo de funcionamento (perceptivo e projectivo) permite uma compreensão mais aprofundada da dinâmica relacional entre o interno e o externo, no espaço psíquico do sujeito *borderline*. É elaborada uma leitura dos conceitos de fenómenos transitivos e de espaço potencial, procurando integrar e articular a revisão de literatura e os elementos Rorschach. É neste contexto que se realiza a aplicação do Rorschach a um sujeito do sexo feminino com o diagnóstico de perturbação *borderline* da personalidade.

Da análise do protocolo destacamos que, apesar da impossibilidade de estabelecer uma relação intersubjectiva entre o real e o imaginário, o interno e o externo, o sujeito é capaz de mobilizar estratégias arcaicas que lhe permitem um contacto mínimo com o outro. Estas estratégias caracterizam o fenómeno transitivo neste sujeito *borderline*. A procura de apoio, de amortecimento de vivências mais angustiantes dá conta da utilização do outro como um objecto de suporte (indicador da carência do *holding*), permitindo uma separação e comunicação ténue entre sujeito e objecto. A imagem Rorschach criada pelo sujeito é experimentada como um objecto real, adquirindo a função (de suporte) e as qualidades (reconfortantes) de um objecto transitivo. Os movimentos do sujeito dão conta de uma aproximação ao espaço potencial – espaço pré-potencial.

Palavras – Chave:

Rorschach – Fenómeno transitivo – Espaço potencial – *Borderline* – Função materna

Abstract – This study uses the Rorschach method in order to understand the characteristics of both transitional phenomena and potential space in patients with Borderline Personality Disorder (BPO). The approach to the aforementioned concepts follows respectively Winnicott and Ogden’s theories about transitional phenomena and potential space psychopathology. Acknowledging the importance of care in the early stages of life for one’s accession to these intermediary zones of experience, we envisage articulating the concepts under analysis with motherhood function. Furthermore, for a better comprehension of both concepts in the context of BPO we also relate it with Green’s white anguish.

Inter-subjective and dynamic features of the Rorschach Method, both of which call for a double working mode (perceptive and projective), are herewith used eventually leading to a deeper understanding of the existing relational dynamics “internal-external” in the psychic space of borderline patients. Thus, the main concepts under analysis are interpreted in the light of a literature review on both concepts, which is duly articulated with Rorschach elements. In this context we have applied the Rorschach method to a female individual who had been previously diagnosed BPO.

The analysis performed to the protocol demonstrates the patient’s ability to apply very basic strategies in order to enter into a minimum contact with external objects, though she is not capable of establishing an inter-subjective relation between fantasy and reality or between internal world and external world. The said strategies characterize the transitional phenomena in the specific case of this patient. The look for support, the mitigation of anguish-based experiences shows that the object is used as a support (a lack of holding indicator). This evidences a slight separation and communication between subject and object. The patient with BPO experiences the Rorschach image as if it was a real object that bears the function (holding) and the (cheering) characteristics of a transitional object. These strategies points to an approximation to a potential space, i.e., a pre-potential space.

Key - words:

Rorschach – Transitional phenomena – Potential space – Borderline – Motherhood function

Índice

I.	Introdução	1
II.	Fenómenos transitivos e espaço potencial	1
III.	Objecto/objectivo de estudo	5
IV.	O método de estudo: O Rorschach	6
V.	Participante	9
VI.	Procedimentos de análise	10
VII.	Análise do protocolo	13
VIII.	Análise do psicograma	25
IX.	Discussão	28
X.	Conclusão	30
XI.	Referências Bibliográficas	32
XII.	Anexos	33
	a) Protocolo da Joana	
	b) Psicograma da Joana	

I – INTRODUÇÃO

Partindo de uma abordagem psicodinâmica, visamos compreender as características dos fenómenos transitivos e do espaço potencial no sujeito *borderline*, através do método Rorschach. Para o estudo destes conceitos, recorreremos às teorias de Winnicott e de Ogden sobre a psicopatologia dos fenómenos transitivos e do espaço potencial, respectivamente.

Dada a importância dos cuidados primários no desenvolvimento de uma autonomia física e psíquica que conceda ao sujeito a possibilidade de construir as suas próprias experiências, procuramos articular o conceito de função materna com os conceitos em estudo. Ainda nesta linha de pensamento e para uma melhor compreensão destes conceitos no caso *borderline* recorreremos, de igual modo, ao conceito de *angústia branca* de Green, procurando relacioná-lo com os conceitos em estudo.

Tendo em conta o objectivo do estudo, propomos uma leitura dos conceitos de fenómenos transitivos e de espaço potencial, procurando integrar e articular a revisão de literatura e os elementos Rorschach. Neste contexto, é aplicado o Rorschach a um sujeito do sexo feminino com o diagnóstico de perturbação *borderline* da personalidade.

A pertinência deste estudo reside no facto de o Rorschach permitir, através do apelo a um duplo modo de funcionamento (apelo ao real e ao imaginário), conhecer, numa dimensão simbólica, a dinâmica relacional entre o mundo interno do sujeito e o mundo externo e por conseguinte, aferir sobre a capacidade do sujeito em aceder à área dos fenómenos transitivos.

Reconhecida a dificuldade do sujeito *borderline* em aceder à área dos fenómenos transitivos, o Rorschach pode dar-nos conta das estratégias mobilizadas, por este sujeito *borderline*, para estabelecer uma separação e um contacto mínimo com o outro.

II – FENÓMENOS TRANSITIVOS E ESPAÇO POTENCIAL

Winnicott (1971/1975) introduziu os conceitos *objecto transitivo* e *fenómeno transitivo* para designar a área intermediária entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objecto. A certa altura, no desenvolvimento do bebé, surge a tendência para manusear objectos “diferentes de mim”. Esta primeira possessão “não-eu” é designada por Winnicott como objecto transitivo. Este pode ser um objecto macio (e.g. ponta de um edredão) ou outro tipo de objecto que tenha sido encontrado e usado pelo bebé, tornando-se vital para este no momento de ir dormir, o que constitui uma defesa contra a ansiedade. Neste sentido, a utilização do objecto transitivo marca o início de uma nova relação do sujeito com o mundo exterior.

É através de um *holding* adequado, levado a cabo por uma *mãe suficientemente boa*, que o bebé passa a ter uma existência pessoal e começa a construir a chamada “continuidade de ser”. A falta de um *holding* adequado conduz à interrupção da continuidade de ser, provocando um enfraquecimento do ego do bebé (Winnicott, 1986). De acordo com Davis & Wallbridge (1981), em termos psicológicos, o *holding* tem a função de suporte do ego, em particular no estado de dependência absoluta.

Segundo Winnicott (1971/1975), a característica essencial da área dos objectos e fenómenos transitivos é o paradoxo e a aceitação do paradoxo: o bebé cria o objecto, mas este já lá estava para ser criado e investido. Quando este paradoxo é aceite, Winnicott refere que o objecto transitivo é gradualmente desinvestido, principalmente porque o sujeito desenvolve interesses culturais. No entanto, o objecto transitivo não é esquecido, ele apenas perde o seu significado. Pontalis (1999) refere que, ao perder gradualmente a sua significação, o objecto transitivo é substituído na sua função por uma difusão de fenómenos transitivos que não precisam do suporte real de um objecto.

Winnicott (1971/1975), refere que o objecto e os fenómenos transitivos correspondem a uma área neutra de experiência. Este estatuto neutro, intermediário do transitivo, torna-o o lugar privilegiado do experienciar. Segundo Davis & Wallbridge (1981), Winnicott defende que é apenas ao ser criativo que o indivíduo descobre o *self* e, ainda, que para viver criativamente o indivíduo tem que continuar a ser capaz de descobrir a sua própria realidade interna, através de uma forma pessoal de experienciar a realidade externa. Estes autores, referem que, segundo Winnicott, “o objecto transitivo cria a oportunidade para o processo de ser capaz de aceitar a diferença e a semelhança” (p. 162). É através da diferença que o indivíduo cresce.

O problema na patologia *borderline* é que a persistência de inadequação do objecto externo leva ao desvanecimento do objecto interno, conseqüentemente os fenómenos transitivos perdem gradualmente o seu sentido, e o bebé não pode experimentá-los, sendo o objecto desinvestido. Segundo Green (1997), o desvanecimento gradual das representações internas está relacionado com a representação interna do negativo, “uma representação da ausência de representação”, a qual se expressa, ou em termos de uma alucinação negativa, ou no campo do afecto, por anulação, por vazio, ou num grau menor, por futilidade e/ou sem sentido. Este autor refere que a grande contribuição de Winnicott é mostrar que, a certa altura, este negativo, esta não-existência ou vazio, se torna na única coisa real para o sujeito.

De acordo com as ideias defendidas por Green (1983), Pinheiro (1999) refere que o sujeito tenta lutar contra a perda sofrida, mas quando isto não é conseguido, utiliza certas defesas,

nomeadamente, o desinvestimento do objecto maternal e a identificação inconsciente à mãe morta. Desta forma, surge uma identificação primária à mãe, uma identificação em espelho, sendo a relação simétrica a única possibilidade de restabelecer uma reunião à mãe. O retorno à unidade não é suficiente e o sujeito procura então o nada, aproximando-se da morte psíquica. É neste sentido que Green fala na existência de um narcisismo negativo, isto é, um retorno à inexistência, ao afecto branco. Segundo Pinheiro (1999), o afecto branco é a indiferença entre o bom e o mau, o dentro e o fora, o Eu e o objecto. A grande ambivalência do Eu está presente na vontade de ser ele próprio, mas só ser na relação com o objecto com o qual deseja unir-se. A esta angústia de perda do objecto, Green dá o nome de *angústia branca*, porque o que existe é o vazio. Pinheiro (1999) defende que sem um objecto constituído como continente não é possível a construção do narcisismo positivo, isto é, não é possível construir o espaço potencial. O objecto “trauma” transforma-se num objecto louco e o narcisismo positivo transforma-se em negativo.

Davis & Wallbridge (1981) referem que o desenvolvimento de um espaço potencial, para além de depender do desenvolvimento de um sistema interno de limite e espaço, particularmente a oportunidade proporcionada pelo limite do *holding* nos primeiros tempos de vida do sujeito, também depende do limite fornecido pelo tempo. Cada sujeito, através das experiências vividas, pode estabelecer um elo de ligação do passado ao futuro e, deste modo, construir um sentido de continuidade (no tempo), o qual depende da continuidade do cuidado materno. Se houver uma distorção no sentido do tempo, o que acontece no caso do sujeito *borderline*, ocorre uma ruptura na continuidade (do tempo), que vai impossibilitar ao sujeito estabelecer uma ligação entre o passado e o presente e, conseqüentemente, antecipar os efeitos que o presente poderá ter no futuro.

O espaço potencial é o lugar onde a experiência se constrói sobre a experiência, onde o mundo está constantemente a ser tecido através da imaginação, para que novos padrões de imaginação surjam e o indivíduo se possa tornar único e original.

O fracasso precoce da fidedignidade ambiental, que se verifica na patologia *borderline*, não permite ao sujeito ser capaz de fazer a distinção entre o seu mundo interno e externo e, conseqüentemente, impossibilita a criação de um espaço potencial próprio, onde o sujeito possa construir e reconstruir as suas próprias experiências, uma vez que “*a característica especial deste lugar, onde o brincar e a experiência cultural têm lugar, é o facto de este depender para a sua existência de experiências vividas, e não de tendências herdadas*” (Winnicott, citado por Davis & Wallbridge, 1981, p. 160).

Para explicar como a actividade psicológica cria o espaço potencial, Ogden (1985) utiliza o conceito de *processo dialéctico*. O processo dialéctico encontra-se no centro da criação da subjectividade. Por subjectividade, Ogden entende os diferentes graus de conhecimento próprio que vão desde a auto-reflexão intencional ao mais subtil, discreto “sentido do eu” (*I-ness*). Paradoxalmente, o “sentido do eu” torna-se possível através do outro. Isto constitui uma dialéctica interpessoal, na qual o “sentido do eu” (*I-ness*) e “o sentido do outro” (*other-ness*) se criam um ao outro e são preservados um pelo outro. No início, o “estado de dois” (*two-ness*), que coexiste com a unidade (*oneness*), não delimita claramente a mãe e o bebé como dois indivíduos separados; nesta altura, o “estado de dois” é uma qualidade da mãe-bebé. O termo “estado de dois” é utilizado por Winnicott para se referir ao desenvolvimento da capacidade da criança para estar sozinha na presença da mãe. O objecto transitivo é um símbolo dessa separação enquanto unidade. A obtenção da capacidade de manter uma dialéctica psicológica, envolve a transformação da unidade em “estado de três” (*three-ness*): o símbolo (um pensamento), o que este simboliza (aquilo que está a ser pensado) e o próprio sujeito. A diferença entre o símbolo, o que este simboliza e o próprio sujeito cria a possibilidade de triangularidade, dentro da qual o espaço é criado. Quando a unidade se transforma em “estado de três”, não só a mãe e o bebé são criados como objectos, como também o bebé é criado como um indivíduo, passando a ser o criador e o intérprete dos seus símbolos. Segundo Ogden (1985), a função simbólica é uma consequência directa da capacidade para manter dialécticas psicológicas.

De acordo com Amaral Dias (2004), o problema na patologia *borderline* é que estes indivíduos estão permanentemente a precisar de uma pele mental que organize ou pseudo-organize, isto é, utilizam o objecto como uma segunda pele (mental). Para que o indivíduo viva é necessário que ele esteja no mesmo tempo e no mesmo espaço que o outro, isto é, tem de estar na dependência do outro – condição assimbólica.

A identificação à função continente não fica feita de forma completa no *borderline* e é por esta razão que Amaral Dias (2004) fala na existência de uma pele do pensamento ou permeabilidade do pensamento; nestes casos, esta pele rompe.

Ogden (1985), refere que a psicopatologia da simbolização, que se aplica ao caso *borderline* como podemos constatar, é baseada em formas específicas de fracasso em criar ou manter adequadamente um processo dialéctico psicológico. Este autor apresenta quatro categorias como exemplos de tipos de limitações do processo dialéctico:

- 1) *A realidade é substituída pela fantasia* – A dialéctica da realidade e da fantasia cai na direcção da fantasia, de tal forma que a fantasia torna-se uma coisa em si própria tão tangível, poderosa, perigosa e gratificante como a realidade externa, da qual não pode ser diferenciada.
- 2) *A realidade como uma defesa contra a fantasia* – A dialéctica da realidade e fantasia pode tornar-se limitada ou cair na direcção da realidade, quando a realidade é usada predominantemente como uma defesa contra a fantasia. Nestas circunstâncias, a realidade rouba a vitalidade da fantasia. A imaginação é excluída.
- 3) *Dissociação dos pólos da realidade e da fantasia do processo dialéctico* – a dialéctica entre a realidade e a fantasia torna-se restrita, quando ambas estão dissociadas de forma a evitar um conjunto específico de significados (e.g. “a clivagem do ego” no fetichismo).
- 4) *A exclusão da realidade e da fantasia* – Quando a mãe e o bebé se deparam com sérias dificuldades em se constituírem como uma unidade, a consciência prematura e traumática desta separação torna a experiência tão insuportável, que as medidas de defesa extrema são instituídas, tomando a forma de uma cessação da atribuição do significado da percepção. A experiência é excluída. Não é tanto pelo facto de a fantasia e a realidade serem negadas, mas sim pelo facto de nem chegarem a existir. Para Ogden, este estado de não-experiência é visto como uma defesa super-ordenada, à qual se recorre quando todas as outras operações defensivas se mostraram insuficientes para proteger a criança contra o sofrimento psicológico sustentado e opressivo.

III – OBJECTO/OBJECTIVO DE ESTUDO

Apesar da dificuldade do sujeito *borderline* em se situar na área dos fenómenos transitivos, tal como sugerido na literatura, podemos pensar que usa estratégias que possibilitam a comunicação com o outro, ainda que estas impliquem o recurso a mecanismos psíquicos menos evoluídos.

A relação de dependência anaclítica ao objecto, no caso *borderline*, revela que os objectos servem a função de suporte, função característica do objecto transitivo segundo Winnicott. Isto poderia indicar-nos que os objectos são investidos como se de objectos transitivos se tratassem. Amaral Dias (2004), fala na existência de uma pele ou permeabilidade do

pensamento, que embora seja reveladora de um funcionamento psíquico empobrecido, poderá, no entanto, permitir uma comunicação (mesmo ténue) entre o interno e o externo. A utilização do outro como um objecto de suporte evidenciaria a possibilidade de um contacto mínimo com a realidade, o outro. Tendo por base as ideias de Winnicott, podemos acrescentar que, apesar da inexistência de um espaço potencial onde o sujeito possa construir e reconstruir as suas próprias experiências, os movimentos do sujeitos poderiam dar conta de uma aproximação ao espaço potencial – espaço pré-potencial. Na acepção de Ogden, esta situação daria conta da incapacidade do sujeito em criar ou manter dialécticas psicológicas de unidade e separação. Dadas as características do método Rorschach, estas ideias poderiam ser traduzidas, no protocolo Rorschach de sujeitos *borderline*, das seguintes formas: 1) os sujeitos poderiam relacionar-se com as imagens Rorschach ou com os cartões como se estes fossem objectos reais; 2) as imagens ou cartões seriam transformados em objectos de suporte; e 3) seriam atribuídos aos mesmos qualidades específicas dos objectos transitivos, sendo estes objectos convertidos em objectos reconfortantes.

IV – O MÉTODO DE ESTUDO: O RORSCHACH

O Rorschach é um dos instrumentos mais usados em Psicologia Clínica. Este método projectivo, criado por Hermann Rorschach em 1920, permite aceder à expressão e revelação das modalidades de funcionamento mental dos sujeitos que constituem o objecto de estudo da Psicologia Clínica. A metodologia projectiva inscreve-se no modelo estabelecido pela escola francesa e possui como característica fundamental uma conformidade e coerência entre teoria e metodologia. A partir de um enquadramento teórico claramente formulado, que deriva das teorias psicanalíticas, foram estabelecidos pontos de concordância com um método de abordagem do funcionamento mental do sujeito em estudo. Os critérios usados são fundados, por um lado, no diagnóstico diferencial e por outro, na articulação entre imagem, afectos e representações.

Procederemos, em seguida, à exposição da técnica de aplicação do Rorschach, bem como, do método de análise do Rorschach que será utilizado neste trabalho.

A aplicação do Rorschach é composta por três momentos da qual resulta um protocolo Rorschach. No primeiro momento, a partir de uma instrução dada pelo psicólogo (“*Vou-lhe mostrar dez cartões e vai dizer-me tudo aquilo em que eles o fazem pensar, o que pode imaginar a partir destes cartões*”), o sujeito dá respostas que correspondem às suas elaborações espontâneas, estas por sua vez, são registadas textualmente pelo psicólogo. O

segundo momento corresponde ao inquérito, que é o momento da aplicação durante o qual o sujeito volta às suas produções anteriores. O psicólogo deverá dar a seguinte instrução ao sujeito: *“Vamos agora retomar os cartões juntos; tente dizer-me o que o fez pensar naquilo que evocou. Claro que se lhe ocorrerem outras ideias poderá sempre dizer-me”*. O terceiro e último momento corresponde à prova de escolhas, em que é proposto ao sujeito que escolha, entre os dez cartões que lhe foram apresentados, os dois que ele mais gostou e os dois de que menos gostou.

No que respeita à metodologia, pretendemos constituir procedimentos de análise que sirvam de suporte teórico-prático à análise do protocolo. O objectivo dos procedimentos consiste em dotar os elementos Rorschach de valores interpretativos que possibilitem a leitura dos conceitos em estudo.

A análise do protocolo Rorschach divide-se em duas partes: a análise quantitativa e a análise qualitativa. A análise quantitativa compreende a cotação das respostas – só é cotável a resposta que responde às perguntas: “Onde?”, “Como?” e “O quê?”, que correspondem aos modos de apreensão, determinantes e conteúdos, respectivamente – e ainda, a elaboração do psicograma. Relativamente à análise qualitativa, o processo clássico consiste no estudo da actividade intelectual, do nível de socialização e da dinâmica afectiva. No entanto, neste trabalho, propomos realizar a análise, cartão a cartão, dos conceitos em estudos através dos vários elementos Rorschach. Efectuaremos, de igual modo, a análise do psicograma, procurando fazer uma leitura dos conceitos em estudo através dos dados fornecidos pelo psicograma.

Procederemos, em seguida, a uma abordagem das concepções teóricas sobre o Rorschach que poderão ser úteis para compreender como os conceitos em estudo podem ser lidos no Rorschach.

O material Rorschach, constituído por dez cartões com manchas de tinta, é um elemento da realidade exterior, uma percepção, mas tem características e qualidades psíquicas. Desta forma, as manchas não são identificadas enquanto tal, são designadas a partir das significações que delas emanam numa captação sempre subjectivante (Marques, 2001).

Segundo Chabert (1997/1998), no que toca às qualidades perceptivas de cada mancha, existem duas dimensões fundamentais: a dimensão estrutural, dada pela construção formal dos cartões e a dimensão sensorial, dada pela presença de cores. Estas duas dimensões servem de base ao método de análise dos protocolos, uma vez que a apreensão da construção formal é

realizada segundo uma perspectiva perceptiva e cognitiva dita “intelectual”, e a sensibilidade às cores está associada à expressão dos afectos.

Marques (2001) defende que a percepção no Rorschach tem, simultaneamente, elementos precisos de realidade externa que apresentam, por um lado, um carácter de estabilidade pelas suas características estruturais e sensoriais, mas, por outro, apresentam um carácter inquietante e desestabilizador pelo desconhecido e disruptivo do seu significado. Neste sentido, a percepção no Rorschach é um processo activo que implica uma comunicação e uma relação entre o sujeito e o objecto. Esta (a percepção) permite aceder a um novo objecto através de um processo de criação. O novo objecto, nem interno nem externo, resulta de um processo de união e de integração dos dois mundos em comunicação que procuram novas significações que possam existir em novas relações continente-conteúdo.

A simetria consiste numa característica da realidade perceptiva que tem como qualidade psíquica, a coesão e o duplo, deste modo estes são também organizadores da vida mental. A simetria unifica as manchas, confere-lhes coesão e harmonia, embora de se trate de uma harmonia inquietante, uma vez que é desconhecida. Na vida mental, o confronto permanente entre a coesão e o desconhecido/dispersão conduz ao desenvolvimento, crescimento e às relações.

De acordo com as ideias defendidas por Chabert, Marques (2001) refere que o Rorschach permite aceder ao funcionamento mental do sujeito segundo um modelo psicanalítico. Na análise do funcionamento mental do sujeito são consideradas as relações entre o conteúdo manifesto e o conteúdo latente das manchas, as relações entre a percepção, a representação e os afectos, as oscilações entre o processo primário e o processo secundário, a regressão, os conflitos e os mecanismos de defesa. Marques acrescenta que Chabert atribui também importância à transferência e à contratransferência. A situação projectiva consiste num encontro entre um sujeito e um clínico, que sendo mediado por um material e uma instrução paradoxal e conflitual, leva à emergência de afectos e emoções e de movimentos relacionais inconscientes. A natureza do deslocamento do material e da situação para o psicólogo revela os modos específicos de relação do sujeito, sobretudo face às figuras parentais.

O Rorschach permite-nos ter acesso e conhecer a natureza dos processos que actuam em cada sujeito de modo a estabelecer a relação entre a sua realidade psíquica e a realidade externa. As respostas Rorschach podem ser encaradas como o resultado de um processo, de um trabalho de ligação, transformação e criação entre o interno e o externo, entre a

objectivação e a subjectivação, processo este que impõe e revela um nível de fusão e diferenciação entre sujeito/objecto, interior/exterior. Este trabalho de ligação, transformação e criação entre o interno e o externo é subordinado pela relação, a intersubjectividade.

“Será através da análise e da fundamentação das concepções sobre a relação, a interpretação, a comunicação e a simbolização, concepções estas que estão relacionadas com a ligação, a transformação e a criação, que aparecerá consagrado o que de mais fundamental consideramos caracterizar a situação Rorschach e o processo-resposta Rorschach (Marques, 2001, p. 193).

Em qualquer situação interpessoal – *relação* – impõe-se uma mudança psíquica que envolve o estabelecimento de novos significados através da intersubjectividade e de novas relações continente-conteúdo. Neste sentido, as respostas do sujeito deverão ser consideradas como um objecto construído numa interacção intersubjectiva.

A *comunicação*, que ocorre entre as várias partes do sujeito, mas também entre o sujeito e a situação projectiva, é feita através de um processo de ligação que permite que os objectos sejam colocados uns dentro dos outros, pela relação continente-conteúdo.

A *interpretação* permite explicitar a natureza do processo-resposta Rorschach. É através da identificação projectiva que se pode dar um significado à mancha, ou seja, às relações do sujeito consigo e com os outros e às relações do interno com o externo.

A *simbolização* é o organizador fundamental que permite revelar a actividade de pensar, uma vez que a resposta Rorschach é comunicada sob a forma de uma imagem-conceito, de um símbolo. É através da simbolização que podemos compreender as passagens que operam entre as diversas partes do eu, entre o interior e o exterior, entre o sujeito e o objecto, de forma a se poder aceder a um “novo objecto”.

Na situação Rorschach “ (...) *é possível ver, então, se há, ou não, relação, mas relação simbólica, entre a imagem Rorschach – nomeação –, a resposta Rorschach – conceito que nomeia a mancha ou símbolo – e o objecto percebido, a mancha. Esta relação simbólica revela, então, o sujeito, já que dá conta do trabalho psíquico que ele realiza sobre o objecto, que conduziu ao símbolo e à criação de um «novo objecto»*” (Marques, 2001, p. 234-235).

V – PARTICIPANTE

O protocolo foi recolhido no Hospital de Santa Maria, encontrando-se Joana em internamento parcial no Hospital de Dia do Serviço de Psiquiatria. Foi internada em Setembro

de 2005 por humor deprimido, anedonia, isolamento, ideação suicida, comportamento de auto-agressão (cortes e queimaduras) e perda de concentração. Em Junho do mesmo ano, fez uma tentativa de suicídio com ingestão de veneno e álcool.

Joana tem 33 anos, é natural de Moçambique. É casada, não tem filhos. Tem o Curso Técnico de Contabilidade. Actualmente encontra-se desempregada.

Apresenta história de abusos sexuais na infância e pré-adolescência, que desencadearam comportamentos de isolamento social, comportamentos auto-mutilantes como forma de punição e uma tentativa de suicídio por defenestração. Na adolescência vem para Portugal, mantendo comportamentos de isolamento. Passado alguns anos começa a namorar com o seu actual marido. No início do namoro é violada por um colega de trabalho. Alguns meses depois, casa-se e começa a trabalhar em casa. A dificuldade em engravidar leva-a a procurar ajuda médica, tendo realizado tratamentos de infertilidade. Frustrada com o insucesso destes tratamentos inicia, novamente, comportamento depressivo, suicida e auto-mutilante. Não existindo causas orgânicas para a infertilidade, acaba por ser encaminhada para psicoterapia individual. Em Junho de 2005, a doença do pai e a dificuldade em engravidar despoletam a tentativa de suicídio supramencionada (com ingestão de álcool e veneno).

No que respeita à vida afectiva e social, Joana revela instabilidade nos relacionamentos sociais. Apresenta uma grande dificuldade em se relacionar com as outras pessoas, sentindo-se sempre deslocada e inferiorizada. Sente-se perturbada quando está rodeada de muita gente. Refere que os episódios de abuso sexual destruíram por completo a confiança que tinha nas pessoas.

Apresenta história de consumos tóxicos, nomeadamente, consumo abusivo de álcool e de medicamentos, em particular nos momentos em que se sente mais deprimida.

VI – PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Propomos uma leitura dos conceitos de fenómenos transitivos e espaço potencial no protocolo Rorschach de um sujeito *borderline*. Para o efeito, procuramos integrar e articular a literatura e os elementos Rorschach. Entre todos os elementos são abordados os que melhor dão conta dos conceitos em estudo, recorrendo à análise cartão a cartão e à análise do psicograma.

Tabela

(ver documento “Tabela – Procedimentos”)

Tabela

(ver documento “Tabela – Procedimentos”)

VII – ANÁLISE DO PROTOCOLO

No **cartão I**, a apreensão global da mancha pode surgir como uma possibilidade de amortecer o contacto com o outro, através do apego à realidade concreta e objectiva (“*um morcego*”). No inquérito, o conteúdo “*mosca*” vem pôr a descoberto o fracasso da tentativa de adaptação à realidade, bem como o comentário que se segue (“*é assim tudo muito parecido*”) que evidencia a indiferenciação entre o interno e o externo, entre o sujeito e o objecto, dando conta da impossibilidade de relação. Nesta perspectiva, a abordagem aparentemente global e adaptativa da realidade pode ser entendida como uma defesa contra o surgimento do mundo fantasmático do sujeito. O apego à realidade perceptiva revela uma falta de criatividade que incapacita o sujeito de se situar na área transitiva. Esta situação é indicadora de falhas no processo de simbolização, evidenciando o fracasso do sujeito em manter dialécticas psicológicas. De acordo com a teoria da psicopatologia do espaço potencial de Ogden, neste caso, a dialéctica entre a realidade e a fantasia cai na direcção da realidade, retirando-se toda a vitalidade à fantasia. Podemos constatar que, face a uma nova experiência sentida como ameaçadora, Joana não é capaz de estabelecer uma relação dinâmica entre o interno e o externo, o real e o imaginário de forma a construir novos objectos. A relação ao real é marcada pela procura de neutralidade; na busca do neutro, o outro é eliminado.

Tendo em conta o simbolismo materno do cartão I, num segundo momento, o conteúdo “*tarântula*” pode remeter-nos para uma imago materna ameaçadora, persecutória e destrutiva, evidenciando a impossibilidade de relação entre o dentro e o fora. No entanto, no inquérito, a apreensão global da mancha, através do recurso ao esbatimento de perspectiva, reflecte a procura de um apoio, permitindo ao sujeito manter uma certa distância espacial e temporal em relação ao objecto. Esta distância face ao objecto (“*podia estar a vê-la de um avião...*”) revela que a “*tarântula*” é sentida como ameaçadora, mas não constitui um perigo para o sujeito, não pode “feri-lo”. Na acepção de Ogden, o “estado de dois” (*two-ness*) dá conta da possibilidade de comunicação (ainda que ténue) entre o sujeito e objecto e, por conseguinte, podemos considerar que os movimentos de Joana evidenciam uma aproximação ao espaço potencial. Neste sentido, falamos de espaço pré-potencial.

Na análise global do cartão observamos dois registos de funcionamento distintos. De acordo com a teoria de Ogden, num primeiro momento, a realidade é utilizada como defesa contra a fantasia, não sendo possível o acesso ao mundo fantasmático do sujeito; num

segundo momento, a dialéctica entre a realidade e a fantasia cai na direcção da fantasia. Esta situação revela a impossibilidade do sujeito mobilizar, simultaneamente, mecanismos perceptivos e projectivos na construção de um “novo objecto”. Joana não consegue aceder à área transitiva, embora se faça socorrer de estratégias para amortecer o impacto fantasmático.

No **cartão II**, a resposta de Joana revela a mobilização maciça de pulsões de valência agressiva face ao estímulo. A abordagem global da mancha evidencia um conteúdo mutilado (“...*animal morto...vê-se o pêlo de animal e sangue...*”; inquérito – “*animal atropelado*”), o que dá conta da destrutividade da relação. Joana procura centrar-se no recorte perceptivo da mancha (“...*animal...não sei se é um cão ou um gato...*”), mas acaba por ser invadida pelo seu mundo fantasmático (“...*vê-se o pêlo do animal e sangue...*”). A sensibilidade à cor vermelha (“*porque está cheio de sangue*”) contribui para a invasão dos afectos, na medida em que os movimentos pulsionais agressivos reforçam a vivência destrutiva da relação. Também a referência à qualidade táctil (“*pêlo*”) evidencia a associação a uma representação e/ou afecto desagradável através da relação “pêlo” → “sangue” e, por conseguinte, a sensibilidade ao esbatimento não permite amortecer o impacto fantasmático.

Tendo em conta que este é um cartão bilateral, a apreensão do todo pode ser encarada como uma defesa contra a relação. A referência a uma imagem desvitalizada (“*animal morto*”) dá conta da impossibilidade de relação com o outro. Esta relação desvitalizada é também uma relação sádica e intrusiva (“*parece um animal atropelado, porque ele está cheio de sangue*”). A relação não é possível pois é sentida como perigosa e destrutiva. A utilização do todo contra a bilateralidade dá conta da impossibilidade do sujeito em manter um compromisso entre os movimentos de integração e os de desestabilização e dispersão suscitados pela simetria do cartão. Na acepção de Ogden, esta falta de compromisso é entendida como o fracasso em manter uma dialéctica de unidade e de separação. Esta situação põe em evidência a impossibilidade de Joana desenvolver a sua própria subjectividade, pois, só na relação com o outro é que o sujeito pode construir as suas próprias experiências e, assim, possuir um espaço potencial próprio, constitutivo do sentimento de ser.

Importa salientar que, no inquérito, Joana revela uma perda de distância face à imagem Rorschach (“*quando passo de carro vejo um animal no chão e arrepiá-me*”), o que indica que a imagem é experimentada como um objecto “real”, sendo incorporada na experiência actual do sujeito. A imagem Rorschach é justificada pela experiência passada do sujeito,

criando a ilusão de que a imagem Rorschach e as experiências passadas do sujeito são permutáveis, permitindo, desta forma, negar a distância temporal e espacial que existe relativamente ao objecto. A indiferenciação entre o sujeito e o objecto dá conta da impossibilidade do sujeito se situar na área dos fenómenos transitivos.

Na abordagem do **cartão III**, Joana começa por realizar um movimento de separação entre as duas figuras. No entanto, estas não se encontram em relação (“...*uma pessoa de cada lado*”). Neste sentido, a abordagem global e perceptiva da mancha pode ser entendida como uma defesa contra o mundo imaginário que ameaça romper. No inquérito, a atribuição de movimento às duas figuras (“...*estão tão zangados que têm vontade de arrancar o coração um do outro, de matar um ao outro*”), bem como a associação de um movimento pulsional a um conteúdo anatómico (“*estão tão zangados que o coração até salta*”), dão conta da emergência de um mundo fantasmático destrutivo e arcaico. Ao centrarmo-nos no simbolismo do conteúdo anatómico, podemos pensar que o “*coração*” implica um menor controlo do pensamento e, neste sentido, a expressão “*o coração até salta*” traduz a impossibilidade de Joana conter a pulsão, ocorrendo uma invasão dos afectos. O contacto com o outro é vivido como algo destrutivo e invasivo. Partindo do princípio que o movimento dá conta de uma invasão do mundo fantasmático, podemos considerar a impossibilidade da cinestesia mobilizar, simultaneamente, movimentos perceptivos e projectivos e, por conseguinte, a impossibilidade de Joana aceder à área transitiva.

Nas elaborações espontâneas e no inquérito, Joana revela dois tipos de funcionamento mental opostos, que indicam a impossibilidade de manter um processo dialéctico. Num primeiro momento, Joana apega-se à realidade concreta e objectiva, procurando defender-se do contacto com o outro; num segundo momento, o contacto com o outro conduz a uma invasão dos afectos. Esta dificuldade em controlar a pulsão dá conta da destrutividade da relação. Nesta situação, Joana demonstra ser incapaz de integrar, simultaneamente, o real e o imaginário na mesma resposta e, desta forma, não é possível situar-se na área transitiva.

Em seguida, a focalização de Joana numa parte da mancha indica uma dificuldade de inserção no real, devido à intensidade da projecção pulsional e fantasmática. O conteúdo “*sapateira*” revela que o contacto com o outro é sentido como destrutivo e ameaçador, uma vez que as “*patas da sapateira*” são a parte do corpo que pode ferir (“ (...) *Dá a impressão que esta sapateira feriu alguém*”). A presença de um conteúdo mutilado no inquérito vem

confirmar o carácter destrutivo da relação (“...as patas principais e perdeu o resto. Parece que está ferida”). A vivência destrutiva e invasiva da relação dá conta da indiferenciação entre o dentro e o fora, entre a realidade e a fantasia, não sendo possível Joana situar-se na área transitiva. Esta situação é traduzida, na linguagem de Ogden, por um fracasso em manter um processo dialéctico, em que a dialéctica entre a realidade e a fantasia cai na direcção da fantasia, tornando-se tão real como a realidade exterior, da qual não se pode diferenciar.

Por fim, Joana recorre novamente ao recorte perceptivo da mancha (“vejo as patas de um boi ou de uma vaca”). No entanto, a adaptação ao real não permite o emergir do mundo fantasmático, pelo que podemos entender que a realidade é utilizada como defesa contra a fantasia. Joana revela, mais uma vez, dificuldade em se situar na área transitiva, não conseguindo integrar, na mesma resposta, movimentos perceptivos e projectivos.

A prova de escolhas vem confirmar, no caso dos cartões II e III, a impossibilidade do sujeito se situar na área transitiva. A falta de diferenciação entre o interno e o externo, o sujeito e o objecto é revelada pelo carácter destrutivo da relação (II – “...criatura morta que foi abandonada, ferida e que morreu, o sangue escorreu todo...”; III – “...são duas pessoas que estavam a lutar e que se feriram e se agrediram...”), ocorrendo uma invasão do mundo interno do sujeito.

Na passagem para o **cartão IV** deparamo-nos, mais uma vez, com uma perda de distância relativamente ao objecto, evidenciada pela expressão directa de um sentimento de perigo ou ameaça face à imagem Rorschach (“*Ui aqui estou a ver um monstro...*”). Esta situação representa uma perda de simbolização, na qual Joana reage afectivamente à imagem, como se esta fosse realmente o próprio objecto (o monstro), negando a diferenciação entre o interno e o externo e, por conseguinte, não sendo possível situar-se na área transitiva.

A abordagem global da mancha dá conta de um conteúdo ameaçador e terrífico (“...monstro...”), que põe em evidência uma invasão fantasmática e, por conseguinte, a impossibilidade de Joana situar-se entre o real e o imaginário. A dificuldade de separação entre o real e o imaginário é, de igual modo, demonstrada pelo facto de o monstro, figura irreal, ter uma característica humana (“...com enormes pernas...”). No inquérito, a atribuição de movimento ao monstro evidencia, por um lado, este conteúdo ameaçador e terrífico (“...dá-me a sensação que ele está de braços abertos, por um lado, pode meter medo...”),

mas, por outro, dá conta de um conteúdo reconfortante, acolhedor (“...*mas por outro (...) pode abraçar ou acarinhar alguém...não é tão monstruoso assim*”). Esta situação revela a presença de um mecanismo de defesa característico do borderline – a *clivagem* – o objecto é mau, mas também é bom. A incapacidade de integrar as boas e más imagens do objecto remete para a impossibilidade de separação e comunicação entre o interno e o externo, o sujeito e o objecto. Apesar desta realidade, a referência a um conteúdo reconfortante indica que este pode ser utilizado como um objecto de suporte, adquirindo a função de um objecto transitivo, na acepção de Winnicott. Neste sentido, a cinestesia permite uma comunicação ténue com o outro, embora à custa de um modo de funcionamento menos evoluído.

De acordo com a teoria de Ogden, num primeiro momento, Joana não é capaz de manter uma dialéctica entre a realidade e a fantasia, caindo esta na direcção da fantasia. No inquérito, Joana procura estabelecer uma dialéctica entre a desestabilização e a estabilização, mas esta não é conseguida devido à clivagem. Contudo, a utilização do objecto como um suporte indica a possibilidade de um contacto mínimo entre o sujeito e o objecto. Esta ideia é sustentada na prova de escolhas, em que a imagem onnipotente do monstro, que põe em evidência, simultaneamente, a fragilidade narcísica do sujeito e a tentativa para camuflá-la, é utilizada como uma procura de apoio (“...*parece um monstro gigante e passa por tudo e por todos e não tem medo de nada. Não se sente intimidado*”).

Na passagem para o cartão invertido, ocorre um movimento regrediente em que a restrição a uma parte da mancha dá conta de uma dificuldade de inserção no real, revelando a dificuldade do sujeito diferenciar a parte (“...*assim parece que estou a ver a cabeça de uma lula*”) do todo (“...*também parece uma criatura voadora*”). A presença de um conteúdo que pode ser tanto inteiro como parcial, põe em evidência a dificuldade do sujeito se ver como um todo, inteiro, completo e separado do mundo externo. A falta de diferenciação entre o dentro e o fora, entre o sujeito e o objecto impossibilita o sujeito de aceder à área transitiva. A dificuldade de Joana se adequar ao estímulo perceptivo revela, de acordo com Ogden, que esta não consegue manter uma dialéctica psicológica entre o real e o imaginário, sendo a realidade substituída pela fantasia, ocorrendo uma invasão do mundo fantasmático.

A expressão de um sentimento de estranheza, no **cartão V**, dá conta de uma perda de distância relativamente ao objecto, na qual Joana reage afectivamente ao cartão como se este fosse o próprio objecto (“*Isto é só criaturas estranhas...*”). Deste modo, a apreensão global

da mancha é utilizada como um mecanismo de defesa contra um mundo fantasmático sentido como ameaçador. Por outro lado, o recurso à globalidade da mancha só é possível através de uma imagem pouco definida (“*parece-me um insecto visto numa grande lupa*”), o que nos dá conta de uma imagem de si pouco diferenciada. Esta dificuldade do sujeito se representar como um todo definido no contacto com a mancha evidencia a falta de diferenciação entre o dentro e o fora, entre o sujeito e o objecto e por conseguinte, indica a dificuldade do sujeito aceder à área transitiva. Apesar desta realidade, Joana consegue alcançar a unidade (ainda que mal definida) recorrendo a um objecto (uma lupa). A “lupa” é utilizada como um objecto de suporte, permitindo a comunicação (mesmo precária) entre o interno e o externo. Neste sentido, Joana utiliza a “lupa” como se esta fosse um objecto transitivo, ao lhe atribuir a função deste objecto. Joana consegue situar-se na área transitiva, embora à custa de um modo de funcionamento mais arcaico.

Em seguida, Joana centra-se numa parte da mancha revelando, num primeiro instante, uma certa ambiguidade do conteúdo (“*também parece pernas, patas de um animal...*”), o que poderá estar relacionada com a dificuldade de se reconhecer no contacto com a mancha, o objecto. A restrição a uma parte da mancha revela também uma dificuldade de adaptação ao estímulo perceptivo, o que vem confirmar a ideia de que o conteúdo parcial dá conta da impossibilidade do sujeito se ver como um todo inteiro e completo (...*Parece que só tem patas*”). Nesta linha de pensamento, o eixo simétrico indica que a união das duas patas (...*parecem juntas*”) põe em evidência uma relação de fusão entre o sujeito e o outro. Esta situação traduz a impossibilidade em aceitar a diferença, não sendo possível estabelecer uma relação com o outro; o sujeito e o objecto são o mesmo. De acordo com a teoria de Ogden, neste caso, o sujeito não consegue manter um processo dialéctico de união e de separação. A dialéctica entre a unidade e de separação cai na direcção da unidade e, desta forma, o sujeito não se consegue ver como distinto do outro. A indiferenciação entre o sujeito e objecto revela falhas no processo de simbolização e, por conseguinte, o sujeito não é capaz de se situar na área intermediária entre o real e o imaginário, entre o dentro e o fora. Deste modo, não é possível a constituição do “estado de dois” (*two-ness*) nem do “estado de três” (*three-ness*).

A falta de diferenciação entre o interno e o externo, que impossibilita o sujeito de aceder à área transitiva, também é evidenciada na última resposta em que a partir de uma parte correctamente percebida (“*asas*”) se parte para uma generalização arbitrária (“*parece um animal voador*”), pondo em evidência uma dificuldade em separar a parte do todo.

No **cartão VI**, a imagem global traduz uma imagem de suporte (“...*pele de animal pendurada*”), revelando uma dependência do sujeito face ao objecto. Tendo em conta que a sensibilidade táctil (“*pele*”) nos remete para os cuidados primários, podemos concluir sobre a existência de falhas no *holding* e, por conseguinte, sobre a falta de um limite psíquico bem definido entre o sujeito e o outro. No entanto, o sujeito procura colmatar essa falha utilizando o outro como um objecto de apoio, de suporte (“*pele...pendurada*”). Neste sentido, o recurso ao esbatimento de textura dá conta de uma procura de apoio, em que a imagem é investida como se se tratasse de um objecto transitivo, na medida em que adquire a sua função de suporte. A utilização do outro como um objecto anaclítico, permite uma comunicação ainda que ténue entre o interno e o externo, entre o sujeito e o objecto. A possibilidade do sujeito estabelecer uma relação mínima entre o dentro e o fora, permite-lhe aceder à área transitiva, ainda que à custa de um modo de funcionamento mais arcaico.

No cartão invertido, a sensibilidade de Joana à simetria dá conta de uma tentativa de separação que falha; Joana procura estabelecer um limite entre o “eu” e o outro, através do recurso à coluna vertebral, no entanto, esta tentativa falha, devido à referência à imagem especular (“...*um pulmão de cada lado*”). A linha média (“*a coluna vertebral*”) não representa o eixo de sustentação do corpo, mas a linha que separa duas entidades que são a repetição do mesmo. Esta situação traduz, na acepção de Ogden, a impossibilidade do sujeito manter um processo dialéctico de unidade e de separação, caindo a dialéctica na direcção da unidade. Esta impossibilidade representa falhas no processo de simbolização, não sendo o sujeito capaz de, no contacto com o outro, se reconhecer como um ser íntegro, coeso e diferenciado. A impossibilidade de Joana distinguir entre o “eu” e o “não-eu” dá conta da inexistência de um espaço potencial próprio, constitutivo do sentimento de ser.

Em seguida, ocorre um movimento progrediente em que a sensibilidade aos tons esbatidos da mancha dá conta da possibilidade de Joana manter uma certa distância face ao objecto (“...*assim parece que estou a ver uma estrada e de cada lado da estrada há uma lagoa...*”). O esbatimento de perspectiva é utilizado como uma medida securizante, em que a construção tridimensional da imagem permite o contacto frágil com o outro. A possibilidade de uma distância mínima entre o sujeito e o objecto não é apenas espacial, mas também temporal (inquérito – “...*Parece aquelas viagens ao lado do rio e depois há cursos de água.*”). A referência ao “curso da água” remete-nos para a ideia de continuidade no tempo, para a possibilidade de ligação entre o passado, o presente e o futuro. Deste modo, o movimento

implícito da água também evidencia a possibilidade de comunicação, ainda que precária, entre o dentro e o fora. Neste sentido, o eixo de simetria (a estrada) representa a separação ténue entre o sujeito e o outro. Apesar da impossibilidade de uma relação intersubjectiva entre o dentro e o fora, a construção tridimensional da imagem dá conta de uma aproximação ao espaço potencial. Podemos falar de um espaço pré-potencial na medida em que os movimentos de Joana apenas permitem um “esboçar” deste espaço.

No **cartão VII**, a atribuição de movimento a um conteúdo inanimado (“...um boneco de cada lado a olhar um para o outro...”) indica que a representação da relação só é possível através de uma imagem desvitalizada. A referência posterior a duas figuras femininas (“...Por um lado parece duas meninas com um totó muito cá em cima”) vem confirmar a impossibilidade de relação na medida em que Joana não consegue colocar duas figuras humanas num cenário relacional. Contudo, podemos pensar que a referência ao conteúdo “boneco” e ao conteúdo infantilizado “meninas com totó”, pode representar uma procura de conforto e, neste sentido, estes conteúdos adquirem o valor de um objecto transitivo. Não é possível estabelecer uma relação intersubjectiva entre o interno e o externo, o que traduz a impossibilidade de Joana se situar na área transitiva. No entanto, esta utiliza estratégias arcaicas para estabelecer um contacto com o outro, procurando transformar a imagem Rorschach num objecto confortável.

Na passagem para o inquérito ocorre um movimento progrediente, na medida em que a referência ao “baloiço” permite a relação entre as duas figuras femininas (“Mas também me parece duas meninas num baloiço para cima e para baixo...”). No entanto, o carácter instável e desequilibrado do “baloiço” revela que este apenas permite um contacto frágil com o outro, sendo utilizado como um objecto de suporte. A imagem Rorschach é investida como se fosse um objecto transitivo, servindo a sua função. Joana consegue fazer uso do objecto transitivo ainda que de uma forma inadequada.

A resposta seguinte situa-se no mesmo registo, em que a “rocha”, tal como o “baloiço”, serve de suporte à relação, permitindo apenas uma comunicação precária com o outro (“...podia ser um gato (...) estão a fazer equilíbrio em cima de uma rocha”). Partindo do princípio de que o “baloiço” serve de suporte a uma relação humana e que a “rocha” estabelece a comunicação entre dois animais, o “baloiço” poderá constituir um suporte mais evoluído que a “rocha”.

Atendendo à inversão figura-fundo, a “ilha” pode constituir um conteúdo isolado, que não permite o contacto com o outro. Tendo em conta que o branco remete para o vazio, para o neutro, o preenchimento da lacuna extramacular (“...o branco é o mar”), no inquérito, representa uma procura de apoio que traduz a tentativa de Joana para restabelecer o contacto com o outro. Partindo do princípio que o “mar” representa um limite mais vasto, este pode constituir um elo de ligação frágil entre o sujeito e o outro ou, em sentido figurado, constitui o acesso, ainda que precário, à ilha. Esta situação indica que a imagem Rorschach é utilizada como um objecto de suporte, adquirindo, assim, a função de um objecto transitivo. Joana faz uso do objecto transitivo, ainda que esta utilização implique um funcionamento mental menos evoluído. O movimento implícito do mar (pela presença da tendência kob) pode significar uma ameaça que “viria invadir a ilha”, isto é, pode representar a ameaça que a relação constitui.

Por fim, ocorre um movimento regrediente na medida em que a sensibilidade ao branco dá conta do sentimento de incompletude, sem que seja possível o recurso a estratégias para camuflar essa falha ou perda (rã sem estômago). O branco é claramente representado como a ausência, o que nos remete para o conceito de *angústia branca* de Green, na medida em que o que se encontra no lugar do objecto é o vazio. O sentimento de vazio, de perda remete-nos para falhas no *holding* e, por conseguinte, para a falta de diferenciação entre o “eu” e o “não-eu”. Na linguagem de Ogden, esta situação evidencia a impossibilidade do sujeito manter um processo dialéctico entre o dentro e o fora, devido à invasão do mundo fantasmático do sujeito e, por conseguinte, dá conta da inexistência de um espaço potencial. A perda de distância face ao objecto, em que o sujeito se relaciona com a imagem como se esta fosse um objecto real e incompleto (“é engraçado que eu vejo sempre os animais sem estômago”), reflecte, de igual modo, a ausência de um espaço potencial próprio.

Na abordagem do **cartão VIII**, Joana é sensível à realidade perceptiva da mancha, vê os dois animais de cada lado, no entanto, estes não são colocados em relação (“...um animal, isto parece que podia ser uma fera, um animal selvagem de cada lado...”), o que remete para a impossibilidade de relação. A referência à “fera” pode constituir um sinal de perigo, revelando a ameaça destrutiva que a relação representa. Neste sentido, a restrição a uma parte da mancha não indica a capacidade do sujeito explorar o mundo exterior, mas uma defesa contra a relação que é sentida como perigosa e destrutiva. Na passagem para o inquérito, Joana procura restabelecer o contacto com o outro, mas esta tentativa falha (“Eu tinha dito

dois animais, duas feras, eles estão a querer subir, mas estão com algum receio). A impossibilidade de relação é evidenciada pela busca de neutralidade; as duas feras procuram estabelecer o contacto uma com a outra, mas estão “paralisadas”. Esta “paralisia” põe em evidência a vivência ameaçadora e destrutiva do contacto com o outro (“*Não sei se é o receio de subir ou de se magoarem*”). A impossibilidade de relação com o outro dá conta da inexistência de um espaço intersubjectivo – o espaço potencial – que permita a comunicação, a troca entre o dentro e o fora. Na acepção de Ogden, esta situação traduz o fracasso do sujeito em manter um processo dialéctico entre a realidade e a fantasia. Num primeiro contacto com a mancha, a dialéctica cai na direcção da realidade; este processo dá conta do apego do sujeito à realidade externa como forma de impedir a invasão do mundo fantasmático. Num segundo momento, a dialéctica cai na direcção da fantasia, remetendo para um mundo imaginário ameaçador e perigoso.

A focalização de Joana no contorno das cores (“*...uma blusa, uns calções*”) indica que esta procura refugiar-se na realidade perceptiva do cartão de forma a impedir a emergência do mundo fantasmático. O vestuário pode representar uma procura de apoio, constituindo uma segunda pele. A utilização do outro como uma segunda pele mental dá conta da ausência de um espaço potencial próprio. Contudo, a dimensão protectora associada ao vestuário revela que a imagem Rorschach toma o valor de um objecto transitivo. O tipo de vestuário referido representa um conteúdo muito pouco contendor, o que é indicador de um tipo de funcionamento mental pouco evoluído.

Por fim, a atribuição de movimento aos dois animais referidos anteriormente dá conta da relação destrutiva e sádica (“*...assim continuo a ver os animais à mesma, os dois. Dá-me a sensação que eles estão a pisar alguma coisa que custa a ferir...*”). A emergência da fantasia vem revelar que a relação com o outro é vivida como algo que destrói.

Neste cartão é posto em evidência um ciclo vicioso, em que, perante a impossibilidade da relação, Joana procura restabelecer o contacto com o outro, no entanto, este falha sempre, revelando o carácter destrutivo da relação. Por outras palavras, Joana alterna entre dois tipos de registo de funcionamento mental: ou procura defender-se da relação apegando-se à realidade concreta e objectiva ou permite o emergir do mundo fantasmático, revelando a vivência perigosa e destrutiva da relação. Não é possível estabelecer um compromisso entre o real e o imaginário e, por conseguinte, Joana não se pode situar na área transitiva.

Partindo do princípio que a sensibilidade ao branco remete, de acordo com Chabert (1997/1998), para a dialéctica relacional primária, a interpretação do branco (“...*uma criatura escondida por trás de um quadro*”), no **cartão IX**, põe em evidência a fragilidade narcísica do sujeito, remetendo para as falhas do *holding* materno. No inquérito, a atribuição de movimento à imagem (“...*criatura com os olhos a espreitar...*”) dá conta da relação com uma imago materna ameaçadora, persecutória. A referência aos “olhos que espreitam” pode dar conta da falta de diferenciação entre o “eu” e o “não-eu”. A presença da cinestesia associada a um conteúdo irreal e persecutório evidencia a invasão do mundo fantasmático, revelando que não é possível a expressão do imaginário sem que seja posta em causa a adaptação ao real. Na linguagem de Ogden, esta situação indica o fracasso do sujeito em manter uma dialéctica entre a realidade e a fantasia, pois esta cai na direcção da fantasia que se transforma na única coisa real e ameaçadora para o sujeito. A dificuldade em discriminar entre o real e o imaginário dá conta da falta de diferenciação entre o dentro e o fora, entre o sujeito e o objecto, o que traduz a incapacidade do sujeito aceder à área transitiva.

O movimento de “pôr em quadro” (“*Uma pintura e nesta pintura vejo uma criatura com uns olhos escondida por trás...*”) pode ser encarado como uma tentativa de amortecer o impacto emocional e fantasmático sofrido anteriormente. Apesar de representar uma dinâmica regressiva, o “pôr em quadro” constitui um movimento progrediente na medida em que permite manter uma certa distância em relação ao objecto; a criatura torna-se menos ameaçadora ao estar inserida numa pintura. A omnipresença da cor (“*uma pintura*”) permite estabelecer um compromisso mínimo entre o real e o imaginário, ou, na acepção de Ogden, o “estado de dois” (*two-ness*), que dá conta da possibilidade de comunicação, ainda que ténue, entre o sujeito e o objecto.

O preenchimento do branco (“...*do lago sai uma fonte luminosa...*”), no cartão invertido, dá conta da tentativa para colmatar as suas carências narcísicas, através de uma dinâmica regressiva pela referência a um tema de água. De acordo com Chabert (1997/1998), este tipo de evocações regressivas levou Traubenbergl a considerar o cartão IX como o “cartão uterino”. Neste sentido, a imagem pode remeter para o tema do nascimento, em que a “fonte luminosa” poderá representar a fonte de vida e o “lago” o útero materno. A imagem “calorosa” do útero materno, dada, quer pela atribuição de movimento ao lago, quer pela sensibilidade à cor, pode constituir uma imagem de suporte que permite “camuflar” a falha narcísica. Esta situação indica que a imagem Rorschach é investida pelo sujeito como se fosse

um objecto transitivo, ao adquirir a sua função de suporte. Apesar da utilização inadequada do transitivo, é este apoio que permite uma comunicação, ainda que frágil, entre o dentro e o fora, entre o real e o imaginário.

A última resposta põe em evidência a fragilidade identitária e narcísica de Joana, quer pela referência a uma imagem cujos contornos são pouco definidos (“...um céu com ar de tempestade...nuvens escuras...”), quer pelo preenchimento do branco (“...parece que ele é um tornado...”). A referência ao “tornado” pode dar conta da relação com uma imago materna ameaçadora e destrutiva. No inquérito, a sensibilidade aos tons esbatidos e às cores da mancha vem confirmar o carácter ameaçador desta relação (“...vejo tudo nuvens (...) estas são as nuvens mais escuras que dá a sensação de uma trovoada e depois vejo as vermelhas que é sinal de perigo. O sinal de perigo leva-me ao tornado”). Apesar do perigo que a relação representa, a capacidade de manter o “tornado” à distância (“...parece que ele é um tornado á distância”) indica a utilização do esbatimento de difusão como um suporte que possibilita a manutenção de uma certa distância, espacial e temporal, entre o sujeito e o objecto. Deste modo, o “tornado” pode remeter para uma imago materna devastadora, mas que não constitui um perigo efectivo para o sujeito. O esbatimento de difusão é utilizado como defesa contra a invasão do mundo fantasmático. Na acepção de Ogden, o “estado de dois” (*two-ness*) dá conta da possibilidade de comunicação precária entre o sujeito e o objecto. Joana consegue aceder ao transitivo, ainda que à custa de um modo de funcionamento mais arcaico.

Tendo em conta que o **cartão X** é o último cartão e por isso é considerado o “cartão da transferência”, o elevado número de associações dispersas (dez respostas em D) pode ser interpretado como um indicador da desorganização do sujeito face à situação de ruptura, de separação. A referência ao “esqueleto” revela que Joana se vê como um ser “despido”, sem pele (“...uma espécie de esqueleto, a anca. Parece que lhe foi retirado tudo, tirando esta parte e a anca...”), evidenciando o sentimento de perda face à separação. Esta resposta indica, tal como é defendido por Amaral Dias (2004), que o sujeito utiliza o objecto como uma segunda pele mental e por conseguinte, a perda do objecto é vivida como a perda de si próprio. A resposta seguinte (“Depois parece-me sangue, mas não vejo de onde é que ele veio”) pode significar que esta ruptura é sentida como uma “ferida”. A última resposta, que marca o fim da relação, dá conta, através da sensibilidade ao cinzento, do sentimento de angústia associado à separação. A referência a uma imagem desvitalizada e destruída (“...vejo uma árvore seca, queimada”) vem confirmar que a situação de separação é sentida como algo

que desvitaliza, que provoca um sentimento de vazio (“*seca*”) e também é sentida como algo doloroso que deixa marcas (“*queimada*”). A impossibilidade do sujeito se ver como um todo inteiro, completo e separado do outro revela a inexistência de um espaço intersubjectivo entre o interno e o externo.

Ao longo deste cartão verificamos, essencialmente, a alternância entre respostas de má qualidade formal que dão conta da tentativa falhada do sujeito para se adaptar à realidade (“*...dois ratos...*”; “*...dois pássaros a quererem dar um beijinho um no outro...*”) e respostas cuja sensibilidade cromática e cinestésica despertam fantasmas ameaçadores e destrutivos (“*parece-me sangue...*”; inquérito – “*...vi o vampiro (...) Parece que atacou alguém e ficou com as asas ensanguentadas*”). Deste modo, este cartão põe em evidência a impossibilidade do sujeito estabelecer um compromisso entre o real e o imaginário. Na acepção de Ogden, o sujeito não é capaz de manter um processo dialéctico entre a realidade e a fantasia. A dialéctica cai sempre na direcção da fantasia e deste modo, o sujeito é invadido pelo seu mundo fantasmático. Ao contrário do que se verificou em cartões anteriores, neste caso Joana não consegue utilizar estratégias, mesmo arcaicas, para se defender do impacto fantasmático. Neste sentido, não se verifica qualquer fenómeno transitivo, nem mesmo à custa de modos de funcionamento menos evoluídos.

VIII – ANÁLISE DO PSICOGRAMA

No que respeita aos modos de apreensão, a percentagem de G é muito elevada (44%) e a percentagem de D muito baixa (53%). A baixa percentagem de D poderá indicar a dificuldade de Joana explorar o mundo da realidade partilhada, o que dá conta de um mundo interno pouco delimitado e coeso. Neste sentido, a percentagem elevada de G evidencia que a unidade é utilizada como defesa contra o contacto com o outro. A presença maioritária de G simples (8 em 16 G) vem confirmar esta ideia, revelando que Joana procura se apegar à realidade global de forma a se defender contra a emergência do mundo fantasmático. A impossibilidade do sujeito estabelecer um compromisso entre o real e o imaginário, o interno e o externo não lhe permite aceder à área transitiva, isto é, o sujeito não pode construir “novos objectos” a partir de novas relações entre o dentro e o fora.

O modo de apreensão em G também se expressa através de um número significativo de respostas Gbl (4), cuja interpretação do branco põe em evidência a falta de um limite entre o

interno e o externo e, por conseguinte, a impossibilidade do sujeito se situar na área transitiva. A sensibilidade ao branco pode revelar, simultaneamente, a fragilidade narcísica do sujeito e a tentativa deste para camuflá-la, transformando a imagem Rorschach num objecto de suporte, tomando este o valor de um objecto transitivo, ao lhe ser atribuído a função de suporte e/ou as qualidades reconfortantes de um objecto transitivo (VII – “ilha”; inquérito – “...e o branco é o mar”; IX – “...do lago sai uma fonte luminosa...”; IX – “...um tornado à distância”). No caso do cartão VII, em que Joana vê uma “rã sem estômago”, a sensibilidade ao branco dá conta de um sentimento de incompletude, sem que Joana consiga mobilizar estratégias para colmatar a falha narcísica.

A percentagem de F situa-se muito abaixo da média (44%), evidenciando a dificuldade de Joana em apreender a realidade externa. Esta afirmação é confirmada pela percentagem extremamente baixa de F+ (41%) que testemunha a incapacidade do sujeito de se ver como um ser totalmente distinto na relação com o outro. As respostas F-, que constituem a maioria de respostas F (9 F- em 16 F), dão conta da tentativa falhada de Joana em se adaptar à realidade externa, ocorrendo uma invasão fantasmática (e.g. III, resposta 6). A falta de diferenciação entre o sujeito e o objecto revela a impossibilidade de se estabelecer uma relação intersubjectiva entre o interno e o externo que permita a existência de um espaço potencial próprio, onde o sujeito possa construir as suas próprias experiências. A baixa percentagem de F também se deve à intensa expressão cinestésica do protocolo. A intensidade pulsional e fantasmática revelada pelas respostas cinestésicas indicam que o elemento formal associado às cinestesias é de má qualidade formal. Neste sentido, K e k representam F dinâmicos e projectivos, o que reflecte também a dificuldade do sujeito em se adaptar à realidade.

A percentagem de A situa-se acima da média esperada (58%). O carácter destrutivo das relações representadas através dos conteúdos animais (II – “...um animal morto na estrada...”; III – “...dá a sensação que esta sapateira feriu alguém”; VIII – “...dá-me a impressão que eles estão a pisar alguma coisa que custa a ferir...”) revela que este valor não traduz a capacidade socializante do sujeito, mas sim, a dificuldade de relação com o outro. Neste sentido, a percentagem muito baixa de H evidencia a enorme dificuldade de Joana em se representar a si própria num sistema de relações, devido ao carácter destrutivo e invasivo da relação. A dificuldade em se reconstruir no contacto com a mancha e com o outro, indica

que não é capaz de reconhecer a sua subjectividade e, por conseguinte, não se pode situar na área intermediária entre o interno e o externo.

As observações de simetria também dão conta da dificuldade do sujeito se reconhecer no contacto com o outro. A sensibilidade à simetria do cartão indica que o sujeito procura fazer a separação entre ele e o outro, no entanto, esta revela-se sempre inoperante. O cartão VI põe em evidência esta problemática em que a impossibilidade de diferenciação é dada pelo desdobramento do mesmo em relação ao eixo de simetria; o outro é sempre a repetição do mesmo (“...um pulmão de cada lado...”; “...de cada lado da estrada há uma lagoa...”).

Relativamente ao T.R.I., identificamos um predomínio do pólo C sobre o pólo K (extroversivo misto). Atendendo à qualidade das respostas cinestésicas, a atribuição de movimento às figuras humanas não constitui um processo criativo e evoluído, mas reflecte a ausência de uma relação dinâmica entre interno e o externo. No cartão III, a cinestesia evidencia a vivência destrutiva e invasiva da relação (“...têm vontade de arrancar o coração um do outro, de matar um ao outro...”). No cartão VII, o movimento cinestésico dá conta de uma relação em desequilíbrio, instável (“...duas meninas num baloiço...”). O cartão IX põe em evidência o carácter ameaçador e persecutório da relação (“...uma criatura com os olhinhos a espreitar...”). A predominância do pólo C (7,5C) vem confirmar esta afirmação, revelando uma falta de controlo afectivo, uma invasão dos afectos (e.g. II – “...animal morto (...) vê-se o pêlo do animal e sangue...”). A falta de equilíbrio entre os pólos K e C dá conta da impossibilidade do sujeito estabelecer uma relação intersubjectiva entre o interno e o externo.

A fórmula complementar atesta um predomínio das cinestésias menores sobre o esbatimento ($6k > 3,5E$), variando no sentido contrário ao T.R.I. Atendendo a que $k > K$, o recurso a k dá conta de uma dinâmica regressiva em que perante a dificuldade em suportar o conflito, Joana desloca os movimentos pulsionais destrutivos para conteúdos não humanos ou partes humanas, o que traduz a impossibilidade de contacto com o outro (e.g. respostas 5 – “...o coração até salta...”, 22 e 34) e, por conseguinte, a impossibilidade de aceder à área transitiva. Embora à custa de estratégias pouco evoluídas, o esbatimento permite um contacto, mesmo precário, com o outro. A utilização do esbatimento de perspectiva nos cartões I e VI e do esbatimento de difusão no cartão IX, dá conta da possibilidade de uma distância mínima em relação ao outro, constituindo uma medida de securização. No cartão VI, o recurso ao

esbatimento de textura evidencia a utilização do outro como um objecto de suporte (“*pele de um animal pendurada*”), permitindo a comunicação ténue entre o sujeito e o objecto. O esbatimento dá conta de uma procura de apoio, em que a imagem Rorschach é investida como se fosse um objecto transitivo, adquirindo a sua função.

A percentagem de RC situa-se acima do valor estimado. As respostas aos cartões pastel correspondem, sensivelmente, a metade das respostas totais (17 em 36), o que é revelador de uma sensibilidade extrema à cor. No cartão VIII, Joana ainda consegue ser sensível ao carácter perceptivo da mancha (respostas 20 e 21), mas a partir daí, a presença esmagadora das cores pastel provoca uma invasão dos afectos que culmina na situação catastrófica do cartão X. Perante o carácter disperso da mancha, Joana desorganiza-se, sendo impossível se ligar à realidade. A impossibilidade de manter uma dialéctica entre a realidade e os afectos indica que Joana não é capaz de aceder à área transitiva.

IX – DISCUSSÃO

A leitura proposta nos procedimentos dos conceitos de fenómenos transitivos e de espaço potencial no Rorschach, revelou-se extremamente útil no estudo destes conceitos no protocolo Rorschach da Joana. Nos procedimentos, procurámos dotar os elementos Rorschach de valores interpretativos que possibilitassem a leitura dos conceitos em estudo. Esta articulação entre a literatura e os elementos Rorschach serviu de base à compreensão destes conceitos na análise do protocolo. A análise do protocolo veio confirmar algumas ideias sugeridas nos procedimentos.

Podemos constatar que, na situação Rorschach, Joana não é capaz de estabelecer um compromisso entre a percepção (a realidade) e a projecção (o imaginário): ou 1) apega-se à realidade externa ou 2) deixa-se invadir pelo seu mundo fantasmático. Segundo Winnicott, a falta de compromisso entre o real e o imaginário põe em evidência a impossibilidade da relação. O apego à realidade concreta e objectiva traduz a procura do sujeito em defender-se do contacto com o outro, enquanto que o recurso ao imaginário dá conta da emergência de fantasmas inquietantes e ameaçadores que reflectem o carácter destrutivo e invasivo da relação. Na acepção de Ogden, esta situação dá conta do fracasso do sujeito em manter uma dialéctica psicológica entre a realidade e a fantasia, entre o interno e o externo, o que traduz uma incapacidade de simbolização. De acordo com este autor, no primeiro registo de funcionamento, a realidade é usada como defesa contra a fantasia, retirando toda a vitalidade

da fantasia; no segundo registo, a realidade é substituída pela fantasia, de tal forma que a fantasia se transforma numa realidade tão tangível e perigosa como a realidade externa, da qual não se pode diferenciar.

Joana revela uma falta de criatividade criadora que lhe permita, no contacto com um estímulo desconhecido e disruptivo, construir e reconstruir novas relações entre o dentro e o fora. A impossibilidade de estabelecer uma relação dinâmica entre o interno e o externo impede Joana de se situar na área transitiva.

A impossibilidade de relação com o outro evidencia a falta de um limite psíquico definido que permita diferenciar o sujeito do objecto. Segundo Winnicott, é através da criatividade que o sujeito descobre o self, mas para ser criativo, o sujeito tem de continuar a ser capaz de descobrir a sua própria realidade interna, através de uma forma particular de se relacionar com o mundo externo. O não reconhecimento da própria subjectividade reflecte-se no Rorschach por uma incapacidade de Joana construir imagens com o cunho da sua originalidade e unicidade, sem que seja posta em causa a sua adaptação ao real. De acordo com as ideias de Winnicott, esta situação revela a ausência de um espaço potencial próprio, onde o sujeito possa construir as suas próprias experiências.

Apesar da ausência de um espaço intersubjectivo entre o real e o imaginário, o dentro e o fora, Joana é capaz de mobilizar estratégias, mesmo arcaicas, de forma a estabelecer um contacto com o outro. Estas estratégias caracterizam o fenómeno transitivo neste sujeito borderline. Podemos observar, ao longo do protocolo, uma procura de apoio, de segurança, e amortecimento de vivências mais angustiantes. Estes movimentos indicam que a imagem Rorschach criada pelo sujeito é transformada num objecto de suporte, sendo investida como se fosse um objecto transitivo na acepção de Winnicott. A fragilidade e precariedade do suporte (e.g. “lupa”, “baloço”, “rocha”, vestuário – “uma blusa, uns calções”), que remete para a carência do *holding*, permite apenas uma separação e comunicação ténue entre o sujeito e o outro. Na acepção de Amaral de Dias (2004), este tipo de funcionamento mental revela que o objecto é utilizado como uma segunda pele (mental) e neste sentido, fala na existência de uma pele ou permeabilidade do pensamento. Esta dá conta, por um lado, da falta de um limite claro entre o sujeito e o objecto mas, por outro, permite ao sujeito manter uma distância mínima em relação ao objecto. Podemos ainda acrescentar a tendência de Joana para transformar a imagem Rorschach num objecto reconfortante de forma a “mascarar” o sentimento de vazio, sentimento associado à *angústia branca* de Green (e.g. IX – “...do lago sai uma fonte luminosa”). As estratégias utilizadas por Joana revelam que a imagem Rorschach é experimentada, pela mesma, como um objecto real, sendo-lhe atribuído a função (de suporte)

e/ou as qualidades (reconfortantes) de um objecto transitivo. Este funcionamento revela a falta de internalização das propriedades calmantes e securizantes do objecto transitivo no decurso do seu desenvolvimento.

A propensão para transformar a imagem Rorschach num objecto real com características próprias é também revelada pelos comentários de Joana ao longo da prova. Estes atestam uma “perda de distância” face ao objecto, em que a imagem Rorschach é incorporada na experiência actual do sujeito (e.g. V – “*Isto é só criaturas estranhas...*”; prova de escolhas: VII – “*...pela expressão que eu consigo ver...*”). De acordo com as ideias de Winnicott, a dificuldade do sujeito em distinguir o símbolo do objecto simbolizado põe em evidência a não-aceitação do paradoxo winnicottiano: o objecto não estava lá para ser criado pelo sujeito, mas antes, é fruto da própria criação do sujeito.

Os movimentos realizados por Joana, isto é, as estratégias utilizadas de forma a possibilitar uma comunicação, mesmo ténue, com o objecto dão conta de uma aproximação ao espaço potencial. Neste sentido, falamos na existência de um espaço pré-potencial.

X – CONCLUSÃO

Numa perspectiva psicodinâmica, procurámos compreender as características dos fenómenos transitivos e do espaço potencial no protocolo Rorschach de um sujeito *borderline*.

Da análise do protocolo pudemos constatar a impossibilidade do sujeito estabelecer uma relação intersubjectiva entre o interior e o exterior e, deste modo, aceder à área transitiva. Esta situação é bem evidenciada no cartão IV em que o recurso à clivagem (“*(...) monstro (...) por um lado pode meter medo, mas por outro (...) pode abraçar ou acarinhar alguém... Não é tão monstruoso assim.*”) dá conta da impossibilidade de sintetizar as boas e más imagens do objecto: o objecto é mau, mas também é bom. A clivagem do objecto em bom e mau revela a falta de uma diferenciação clara e de uma comunicação dinâmica entre o sujeito e o objecto.

Apesar desta realidade, o sujeito é capaz de mobilizar estratégias de forma a estabelecer uma separação e um contacto mínimo com o outro. A procura de apoio, de amortecimento de vivências mais angustiantes, ao longo do protocolo, evidencia a utilização do objecto Rorschach como um objecto de suporte. É este suporte que permite uma comunicação ténue ao real, ao outro. Podemos constatar, de igual modo, a tendência do sujeito para transformar o objecto Rorschach num objecto reconfortante. O fenómeno transitivo neste sujeito *borderline* consiste na transformação do objecto Rorschach num objecto real, sendo-lhe atribuído a

função (de suporte) e as qualidades (reconfortantes, calmantes) de um objecto transitivo. O movimento do sujeito em procurar estabelecer uma separação e comunicação (ainda que ténue) com o objecto, dá conta de uma aproximação ao espaço potencial. Neste sentido, falamos de espaço pré-potencial.

A semelhança entre o tipo de funcionamento do Rorschach e o dos fenómenos transitivos torna o Rorschach um instrumento privilegiado no estudo dos conceitos de fenómeno transitivo e espaço potencial. A situação Rorschach é assimilada aos fenómenos transitivos, uma vez que também apela a um duplo modo de funcionamento. É pedido ao sujeito que se ligue à realidade do material (recurso à percepção, ao real) e que, simultaneamente, construa imagens que não estão lá representadas (recurso à projecção, ao imaginário). Deste modo, o Rorschach permite, numa dimensão simbólica, uma maior e melhor compreensão da dinâmica relacional entre o mundo interno do sujeito e o mundo externo, contribuindo, desta forma, para enriquecer o nosso conhecimento sobre o funcionamento mental deste sujeitos.

No âmbito da Psicologia Clínica, a utilidade do Rorschach ultrapassa o diagnóstico diferencial, em que o duplo apelo (perceptivo e projectivo) requerido por este instrumento permite compreender a particularidade da dinâmica do funcionamento mental do sujeito, servindo de complemento valioso, quer à avaliação psicológica, quer à abordagem psicoterapêutica do sujeito borderline.

Tendo em conta que o protocolo deste sujeito é muito rico, fornecendo muita informação relevante sobre o funcionamento mental deste sujeito, consideramos que uma das insuficiências deste estudo prende-se com a limitação imposta pelo objectivo de estudo, não permitindo abranger as múltiplas interpretações que este protocolo contempla. Deste modo, não são abordadas todas as particularidades do funcionamento mental deste sujeito. Por outro lado, a análise do protocolo serve o objecto de estudo, na medida em que dá resposta ao estudo que nos propusemos realizar. Outra insuficiência que pode ser apontada é a inexistência de uma entrevista clínica que sirva de base à análise do protocolo. O cruzamento de informação através destes dois momentos de avaliação (entrevista clínica e aplicação do Rorschach) contribuiria para uma maior compreensão do funcionamento mental deste sujeito. Contudo, relembramos que este estudo é predominantemente um estudo sobre o método.

O alargamento do conhecimento sobre a técnica Rorschach só é possível através de uma base teórica. Neste sentido, o interesse em dar continuidade a estes estudos consistiria no desenvolvimento da técnica Rorschach através da utilização de novos conceitos, para além dos conceitos do modelo estrutural, tornando possível novas leituras através do Rorschach e desta forma, permitindo ampliar a concepção do método.

XI – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Chabert, C. (1997/1998). *O rorschach na clínica do adulto – Interpretação psicanalítica*. Lisboa: Climepsi.

Davis, M. & Wallbridge, D. (1981). *Boundary and space: An introduction to the work of D. W. Winnicott*. New York: Brunner/Mazel.

Dias, C. A. (2004). *Costurando as linhas da psicopatologia borderland (estados-limite)*. Lisboa: Climepsi.

Green, A. (1997). The intuition of the negative in playing and reality. *International Journal of Psycho-analysis*, 78 (6), 1071-1084.

Marques, M. E. (2001). *A psicologia clínica e o rorschach* (2ª ed.). Lisboa: Climepsi.

Ogden, T. (1985). On potential space. *International Journal of Psycho-analysis*, 66 (2), 129-141.

Pinheiro, C. B. (1999). *Uma expansão de Leonardo Da Vinci: Narciso e eco* (Dissertação de Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Pontalis, J. -B. (1999). *Entre o sonho e a dor*. Lisboa: Fenda.

Winnicott, D. W. (1986). The theory of the parent-infant relationship. In M. D. Peter Buckley (Eds.), *Essential papers on object relations* (pp. 233-253). New York: University Press.

Winnicott, D. W. (1971/1975). *O brincar & a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

XII – ANEXOS

a) Protocolo da Joana (33 anos)

<p>I. – 1’’</p> <p>1. «Um morcego.» (Mais alguma coisa? Pode virar os cartões).</p> <p>2. Λ «Assim parece-me uma tarântula....»</p> <p style="text-align: right;">15’’</p>	<p>A.d.: «Além de um morcego, parece-me uma mosca. É assim tudo muito parecido.» (G F- A)</p> <p>(Onde viu a tarântula?) «Podia estar a vê-la de um avião, aqui eram as nuvens (D laterais) e em baixo (D central) vejo a tarântula.»</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>G EF A/Nat</p>
<p>II. – 1’ 9’’</p> <p>3. Λ «Quando olhei primeiro para isto vi um animal morto na estrada, não sei se é um cão ou um gato. Vê-se o pêlo do animal e sangue.....E é só, não consigo ver mais nada.»</p> <p style="text-align: right;">1’ 40’’</p>	<p>«Quando passo de carro vejo um animal no chão e arrepiá-me. Mas parece um animal atropelado, porque ele está cheio de sangue.»</p>	<p>G FC A →E Crit. Subj.</p>

<p>III. – 5’’</p> <p>4. «Ai aqui vejo uma pessoa de cada lado.»</p> <p>5. «No meio o coração de cada um.»</p> <p>6. Λ «Assim vejo (risos), assim vejo uma sapateira, perdeu as pernas.....dá a impressão....posso dizer que dá a impressão, porque eu não vejo o resto. Dá a impressão que esta sapateira feriu alguém.»</p> <p>(Houve uma interrupção de dois técnicos, cerca de 1’ 20’’) </p> <p>7. < «Vejo as patas de um boi ou de uma vaca.»</p> <p style="text-align: right;">3’</p>	<p>«Aqui é as tais pessoas.....Não me lembro do que disse anteriormente, mas parece que eles estão tão zangados que o coração até salta ou estão tão zangados que têm vontade de arrancar o coração um ao outro, de matar um ao outro, é por isso que eu vejo o coração. E dá-me a sensação que são duas mulheres.»</p> <p>(Onde está a sapateira?)</p> <p>«Está aqui (negro), as patas principais e perdeu o resto. Parece que está ferida.»</p>	<p>G K H Ban Sime.</p> <p>D Kp Anat</p> <p>D F- A</p> <p>D F+ Ad</p>
--	---	--

<p>IV. – 6’’</p> <p>8. «Ui aqui estou a ver um monstro com umas enormes pernas, cauda. Parece um monstro de botas de salto alto.»</p> <p>9. A «Assim.....assim parece que estou a ver a cabeça de uma lula. Também parece uma criatura voadora.»</p> <p>< «Agora assim.....assim parece-me igual, não vejo diferença. Parece-me a mesma criatura voadora, a lula.»</p> <p style="text-align: right;">1’ 45’’</p>	<p>«Este é o tal monstro de sapatos altos com uma grande cauda. Dá-me a sensação que ele está de braços abertos, por um lado pode meter medo, mas por outro como está com os braços abertos pode abraçar ou acarinhar alguém....Não é tão monstruoso assim.»</p> <p>(Onde vê a lula?)</p> <p>«Aqui em cima com os olhos (D inferior central).»</p>	<p>G KClob (H)</p> <p>D F- A/Ad</p>
<p>V. – 0’’</p> <p>10. «Isto é só criaturas estranhas..... Assim parece-me um insecto visto numa grande lupa (risos).»</p> <p>11. «Também parece pernas, patas de um animal, de uma ovelha, que parecem juntas. Parece que só têm patas.»</p>	<p>«Aqui as tais patas de ovelha (risos) (todo o desenho, tirando a parte superior e inferior central).»</p>	<p>G F+/- A</p> <p>D F- Ad</p>

<p>12. Λ «Agora assim...Assim já me dá a impressão que são umas asas.»</p> <p>< «Assim.....assim não me ocorre nada.»</p> <p style="text-align: right;">2' 50''</p>	<p>«Mas também parece-me umas asas, foi isso que eu vi, não foi? Parece um animal voador.»</p>	<p>DG F+ A/Ad</p>
<p>VI. – 7''</p> <p>13. «Parece a pele de um animal pendurada...»</p> <p>14. Λ «Assim parece-me... (risos), assim parece-me um pulmão de cada lado. E depois aqui em baixo estou a ver a coluna vertebral.»</p> <p>15. < «Assim.....Assim parece que estou a ver uma estrada e de cada lado da estrada há uma lagoa, água, cursos de água.»</p> <p style="text-align: right;">1' 20''</p>	<p>«Este é o tal que parece uma pele.»</p> <p>«Ao contrário continuo a ver as mesmas coisas. Vejo os pulmões, um de cada lado, não sei se a pessoa é fumadora ou não (risos), a coluna que vai até aqui ao fundo. Mas também me dei a sensação que isto podia ser uma estrada (D central) com a lagoa deste lado e deste (D laterais). Parece aquelas viagens ao lado do rio e depois há cursos de água (prolongamentos do D superior).»</p>	<p>G EF A Ban</p> <p>G F- Anat Sime.</p> <p>(D)G EF Pais. → Kob Sime.</p>

<p>VII. – 12’’</p> <p>16. «Assim parece que é um boneco de cada lado a olhar um para o outro.....Parece-me assim...Por um lado parece duas meninas com um totó muito cá em cima.»</p> <p>17. «...mas por outro, como tem aqui um rabinho, podia ser um gato com orelhas grandes. Dá-me a ideia que estão a fazer equilíbrio em cima de uma rocha.»</p> <p>18. Λ «Assim...assim dá-me a sensação que é uma ilha.»</p> <p>19. < «Assim (risos)...assim dá-me a sensação que é uma rã.»</p> <p style="text-align: right;">2’ 25’’</p>	<p>« (risos) Este é o tal que eu acho muita piada. Por um lado, parece-me um gato, um de cada lado, com orelhinhas grandes (D superiores laterais) e o rabito (Dd laterais). Mas também me parece duas meninas num baloiço para cima e para baixo, não sei como se chama, e com o totinho para cima. E aqui já não vejo o rabinho dos gatos, mas os braços das meninas (Dd laterais), como quando as meninas dizem: “Olha mãe estou sem mãos” (o sujeito reproduz o gesto), quando estão no baloiço.»</p> <p>(Onde está a ilha?)</p> <p>«Em toda a parte preta e o branco é o mar.»</p> <p>(Onde poderia estar a rã?)</p> <p>«Cabeça (D inferior) e as patas (D laterais). É engraçado que eu vejo sempre os animais sem estômago (Dbl central).»</p>	<p>G K H Sime.</p> <p>D F+ A</p> <p>Gbl FC’ Geo/Nat → Kob</p> <p>Gbl F- A</p>
--	---	---

<p>VIII. – 11’’</p> <p>20. « (suspiros) Portanto vejo um animal, isto parece que podia ser uma fera, um animal selvagem de cada lado.....eu não consigo ver mais nada.»</p> <p>21. Λ «Agora virei ao contrário.....Dá-me a sensação que estou a ver peças de roupa soltas, uma blusa, uns calções...»</p> <p>22. < «Agora assim....assim contínuo a ver os animais à mesma, os dois. Dá-me a impressão que eles estão a pisar alguma coisa que custa a ferir, não sei o quê.»</p> <p style="text-align: right;">3’</p>	<p>«Este das cores foi o que eu gostei menos, não sei porquê (risos). Eu tinha dito dois animais, duas feras, eles estão a querer subir, mas estão com algum receio. Não sei se é o receio de subir ou de se magoarem. De resto não consigo ver mais nada.»</p> <p>(Onde vê as peças de roupa?)</p> <p>«Parece uma blusa (D rosa inferior central), e esta parte é os calções (D verde central). E é só.»</p>	<p>D F+ A Ban Sime. Crit. Subj.</p> <p>D FC Vest.</p> <p>D Kan A</p>
<p>IX. – 1’ 10’’</p> <p>23. «Aqui dá-me a sensação que está uma criatura escondida por trás de um quadro.»</p> <p>24. «Uma pintura e nesta pintura vejo uma criatura com uns olhos escondida por trás....»</p>	<p>«Aqui foi uma sensação esquisita. Estava aqui uma criatura (Dbl central) com os olhinhos a espreitar (Ddbl) e isto (o resto) é o fundo do mar, os corais e as plantas que há no fundo do mar.»</p>	<p>Dbl K (H)</p> <p>G CF Art.</p>

<p>25. Λ «Assim.....Dá-me a sensação, aqui estou a ver uma data de coisas. Dá-me a sensação que é um lago pequenino com relvado e depois do lago sai uma fonte luminosa...Além da fonte luminosa, o lago está rodeado de luzes cor de laranja. Acho que é um jardim giro, colorido.»</p> <p>26. < «Agora assim.....assim vejo um céu com ar de tempestade, vermelho, cor de laranja e nuvens escuras. Parece que ele é um tornado à distância.»</p> <p style="text-align: right;">4' 55''</p>	<p>«Isto é o lago azulinho (Dbl central), esta parte é o relvado (D verde). Isto faz-me lembrar um parque que há na minha terra, deve ter sido por isso que eu fui buscar isto. O vermelho (D rosa) é o repuxo que sai da água. E isto aqui é as luzes cor de laranja que estão à volta do lago e dá este efeito cor de laranja (D laranja).»</p> <p>«O céu é isto tudo (laranja, verde e rosa). Vejo tudo nuvens, mas de cores diferentes. Aqui é como se fosse o pôr-do-sol (D laranja), estes são as nuvens mais escuras que dá a sensação de uma trovoada (D verde) e depois vejo as vermelhas (D rosa) que é sinal de perigo. O sinal de perigo levou-me ao tornado (Dbl central).»</p>	<p>Gbl KobC Pais. Crit. Subj.</p> <p>Gbl KobE Nat. → C</p>
<p>X. – 24''</p> <p>27. «Aqui vejo dois ratosvejo vejo.»</p> <p>28. «parece-me dois leões a espreguiçar.»</p>	<p>«Estas duas criaturas parecem ratos (D cinzento lateral).»</p> <p>(Há bocado viu leões, onde?) «Aqui a espreguiçarem-se (D amarelo central).»</p>	<p>D F- A</p> <p>D Kan A</p>

<p>29. «...e vejo...e vejo uma espécie de esqueleto, a anca. Parece que lhe foi retirado tudo, tirando esta parte e a anca. Não vejo mais nada.»</p>	<p>(E o esqueleto e a anca?) «Aqui é a coluna vertebral e a anca (D cinzento superior).»</p>	<p>D F- Anat</p>
<p>30. «Depois parece-me sangue, mas não vejo de onde é que ele veio.»</p>	<p>«E aqui era sangue (D rosa central).»</p>	<p>D C Sg</p>
<p>31. «....vejo água.»</p>	<p>«Isto é a água (D azul lateral).»</p>	<p>D C Elem</p>
<p>32. «.....vejo dois pássaros a quererem dar um beijinho um no outro....e é só.»</p>	<p>«Aqui dá-me a sensação que são dois passarinhos (D azul central).</p>	<p>D F- A</p>
<p>33. Λ «Aqui vejo dois cavalos-marinhos.»</p>	<p>(Onde vê os cavalos marinhos?) «Estão aqui, um aqui e outro aqui (D verde inferior).»</p>	<p>D F+ A</p>
<p>34. Λ «Vejo um vampiro com umas asas enormes todas ensanguentadas.»</p>	<p>(E o vampiro?) «Antes de ver a árvore, vi o vampiro (D cinzento superior) com as asas. Parece que atacou alguém e ficou com as asas ensanguentadas (D rosa central).»</p>	<p>D KanC (A)</p>
<p>35. Λ «Vejo a cabeça de dois cães, só a cabeça, dois esquilos.»</p> <p>Λ «...dois pássaros.»</p> <p>Λ « E depois vejo a mesma água que via na anterior, isso é igual.»</p>	<p>«Aqui vejo a cabeça de um cão e aqui também (D azul central).»</p>	<p>D F- Ad</p>

<p>36. < «Agora falta assim, isto é grande.....aqui vejo uma árvore seca...»</p> <p>6' 50''</p>	<p>«E aqui vejo uma árvore seca, queimada (D cinzento superior).»</p>	<p>D C'F Nat</p>
--	---	------------------

Prova de Escolhas:

+ : VII – porque dá-me a sensação que são duas meninas e pela expressão que eu consigo ver, parece que elas estão bem, que estão a brincar. Dá a sensação que elas estão a fazer equilíbriismo e estão bem uma com a outra. Faz lembrar as crianças quando estão no parque, naquele que vai para cima e para baixo.

IV – porque parece um monstro gigante e passa por tudo e por todos e não tem medo de nada. Não se sente intimidado.

- : II – porque dá-me a sensação que é uma criatura morta que foi abandonada, ferida e que morreu, o sangue escorreu todo. Como eu hei-de dizer, dá-me a sensação que o sangue escorreu todo e morreu.

III – porque dá-me a sensação que são duas pessoas que estavam a lutar e que se feriram e se agrediram. Foi assim uma briga agressiva por isso é que eu não gosto desta.

b) Psicograma da Joana

R – 36	G – 10 (44%)	F – 16 (6+; 9-; 1+/-)	A – 13	F% - 44%
Recusa – 0	(Gbl – 4)	K – 3	Ad – 3	F+% - 41%
T. total – 26'	(D G – 1)	KClob – 1	(A) – 1	Fa% - 72%
T./resp. – 1' 20''	((D) G – 1)	Kp – 1	H – 2	F+% a - 44%
T. lat. méd. – 5,7''		Kan – 2	(H) – 2	
	D – 19 (53%)	KanC – 1	A/Ad – 2	A% - 58%
	Dbl – 1 (3%)	KobC – 1	A/Nat – 1	H% - 6%
		KobE – 1	Anat – 3	ou 11%
		FC – 3 (1')	Pais – 2	
		CF – 2 (1')	Vest – 1	Ban - 4
		C – 2	Art – 1	
		EF – 3	Elem – 1	
		→kob – 2	Sg – 1	
		→C – 1	Nat – 2	
		→E – 1	Geo/Nat – 1	

Sucessão – Incoerente

–

T. Apreensão – G D Dbl

–

T.R.I. – $4K < 7,5C$

F.C. – $6k > 3,5E$

R.C.% - 47%

I.A.% – 11%

Obs. Simetria – 5 (III, VI, VII, VIII)

Crit. Subjectiva – 3

Escolha +: IV e VII

Escolha - : II e III

<i>Elementos Rorschach</i>		<i>Fenómenos Transitivos / Espaço Potencial</i>		
		Acesso à área transitiva / Existência de um espaço potencial	Impossibilidade de acesso à área transitiva / Inexistência de um espaço potencial	Objecto externo investido como objecto transitivo / Espaço pré-potencial
Simetria		Relação dinâmica entre opostos duplo do mesmo/diferente, eu/outro. Capacidade de manter dialécticas de unidade e separação, processo indispensável para criação de um espaço potencial.	Incapacidade em articular o duplo e a coesão num processo dialéctico. Impossibilidade do sujeito criar o seu próprio espaço potencial.	
G simples	GF+	Dá conta, através da inversão figura-fundo, da diferenciação e comunicação entre interno e externo.	Realidade global e adaptativa como defesa contra surgimento de representações e/ou afectos. Fracasso em criar ou manter uma dialéctica entre realidade e fantasia. Esta cai na direcção da realidade, não é possível aceder ao mundo fantasmático.	
	GF-			Apego à realidade externa permite manter diferenciação (ameaçada) em relação aos objectos e presença (instável) dos mesmos. Comunicação ténue entre sujeito e objecto. Objecto como objecto de suporte.
D	DF+	Integração adequada no mundo real permite acesso ao mundo fantasmático. Capacidade de manter dialéctica entre realidade e fantasia – espaço potencial.		Capacidade de ancoragem no real à custa de apego ao mundo externo – objectos como suporte. Diferenciação mínima entre real e imaginário. Aproximação ao espaço potencial.
	DF-	Dificuldade de inserção no real devido à intensidade das projecções pulsionais e fantasmáticas. Indiferenciação entre interno e externo. Fracasso em criar ou manter dialéctica entre realidade e fantasia. Realidade substituída pela fantasia.		
Gbl e Dbl		Qualidade de Gbl e Dbl positiva e gratificante se inversão figura-fundo representar separação e comunicação entre eu e outro. Espaço potencial entre dentro e fora.	Vazio/ausência – <i>angústia branca</i> de Green – indiferença entre dentro e fora. Associação a temáticas de frio e de hostilidade – invasão do mundo fantasmático.	Imagens calorosas, aconchegantes. Procura de apoio, de amortecimento de vivências angustiantes. Branco como objecto de suporte. Comunicação ténue entre dentro e fora.
K		Relação de semelhança entre figuras humanas; integração do diferente, do outro. Capacidade de manter dialéctica de unidade e de separação.	Impossibilidade de relação: 1) Relação especular; o outro é eliminado. Dialéctica entre unidade e separação cai na direcção da unidade; 2) Relação destrutiva e invasiva. Dialéctica cai na direcção da fantasia.	
kan, kob e kp		Mobilização das pulsões para conteúdos não humanos ou partes humanas não compromete adaptação à realidade - compromisso entre percepção e projecção.	Movimento associado a conteúdos destrutivos. Dialéctica entre realidade e fantasia cai na direcção da fantasia, que se torna na única realidade, ameaçadora.	
C (vermelho)			Imagens de destruição/desintegração. Impossibilidade de manter dialéctica entre realidade e pulsão/afecto. Realidade substituída pela dimensão pulsional/afectiva.	

C (cores pastel)		Conteúdos relacionados com insegurança, falta de equilíbrio - invasão pelos afectos primários. Incapacidade manter dialéctica entre realidade e dimensão pulsional/afectiva.	Conteúdos aconchegantes, calorosos - procura de apoio. Objectos como objectos de suporte. Comunicação ténue entre interior e exterior.
C' (cinzento)		Conteúdos ameaçadores, angustiantes, desvitalizantes - falta de contenção do mundo fantasmático. Dialéctica entre realidade e fantasia cai na direcção da fantasia.	
Esbatimento de textura	Qualidade táctil associada a representações e/ou afectos agradáveis - conteúdos contentores, satisfatórios . Diferenciação e comunicação entre sujeito e objecto.	Qualidade táctil associada a representações e/ou afectos desagradáveis - conteúdos pouco contentores, crus . Falta de limite físico e psíquico entre sujeito e objecto.	Procura de apoio - conteúdos aconchegantes, reconfortantes - função (suporte) e qualidades tranquilizantes de um objecto transitivo. Comunicação ténue entre sujeito e objecto.
Esbatimento de perspectiva			Imagem tridimensional como medida de securização. <i>Two-ness</i> dá conta de distância espacial e temporal mínima entre sujeito e objecto. Aproximação ao espaço potencial .
A	Capacidade de relação com o mundo da realidade partilhada. Diferenciação entre interno e externo. Capacidade de manter dialéctica de unidade e separação.	A% elevado - defesa contra relação: 1) Colagem à configuração da mancha. Dialéctica entre realidade e fantasia cai na direcção da realidade, que retira toda a vitalidade da fantasia; 2) Registo projectivo regressivo e arcaico - conteúdos persecutórios. Dialéctica cai na direcção da fantasia.	
H	Imagem humana definida - capacidade de reconhecer a sua identidade subjectiva; representação de si próprio num sistema de relações, o outro é integrado. Espaço potencial, onde constrói e reconstrói experiências.	Dificuldade de reconstrução no contacto com mancha - ausência ou presença reduzida de H - dificuldade/ impossibilidade de acesso à área entre interno e externo	
(H)	Não constituem maioria de respostas humanas - mundo fantasmático rico . Capacidade em criar, mantendo contacto com a realidade - acesso à área transitiva.	Constituem maioria de respostas humanas - retirada da realidade concreta e relacional, refugiando-se no mundo irreal. Indiferenciação entre real e imaginário.	
Hd, Anat e Sg		Ausência de limite entre dentro e fora. Dialéctica entre realidade e fantasia cai na direcção da fantasia, que se torna numa realidade tão tangível e perigosa como a realidade externa.	
Conteúdos simbólicos de valência agressiva		Agressividade manifestada por passividade - conteúdos mutilados, desintegrados. Indiferenciação entre interno e externo. Inexistência de um espaço potencial.	Dimensão simbólica agressora - tentativa de diferenciação do outro. - conteúdos cortantes, explosivos. “Esboçar” de um espaço potencial.
Conteúdos simbólicos de valência regressiva		Falhas no <i>holding</i> . Associação a temas de água - águas turbulentas, afogamento e, associação ao E textura - impressões tácteis desagradáveis.	Procura de apoio –associação ao E textura - conteúdos de suporte.